

Bruno Goyet, **Charles Maurras**, «Références Facettes», Paris, Presses de Sciences Po, 2000, 307 páginas.

Neste volume, que promete ser o primeiro de uma série de obras da Presses de Sciences Politiques, Bruno Goyet propõe uma reavaliação de Charles Maurras. Tendo passado horas inumeráveis nos arquivos a estudar a correspondência e os escritos inéditos de Maurras, e evidenciando um profundo conhecimento da bibliografia activa e passiva deste autor, Goyet conclui que Maurras é bem mais rico e complexo do que nos leva a crer a imagem que dele nos deixaram os historiadores e investigadores políticos. De facto, Goyet chega mesmo ao ponto de sugerir que a ideia generalizada de Maurras, promovida e defendida pela comunidade académica, pouco mais é do que uma caricatura — uma caricatura em que a associação do autor à *Action française*, e um consequente e persistente desejo de entender Maurras apenas como «político» têm encorajado noções pouco claras, que confundem, essencialmente, o movimento político com o homem. Goyet reclama claramente uma imagem mais complexa para Maurras, tal como é evidente na seguinte afirmação:

Que sa définition d'une doctrine politique — le nationalisme intégral — et la fondatio — l'*Action française* — aient très tôt ofusqué ses ambitions littéraires ne peut justifier que l'on en fasse un «politicien» [p. 11].

Goyet acredita que os historiadores — e os historiadores franceses em particular — são geralmente embaraçados pelo temor e respeito que a figura de Maurras inspira, dispondo-se unicamente a trabalhar dentro dos limites de uma iconografia bidimensional definida pelos acontecimentos políticos em que Maurras se envolveu, ao invés de desenvolverem uma análise séria e profunda das restantes facetas da sua vida pública. Deste modo, os académicos franceses enfatizaram sempre a *persona* política de Maurras, ignorando em grande medida as suas qualidades enquanto homem de letras e filósofo.

A primeira parte deste livro — *Les images d'une vie* — é constituída por uma pormenorizada análise contextual da vida adulta de Maurras, acompanhando-o desde a sua chegada a Paris e ao longo da segunda metade do século XIX até à sua morte, em 1952. Estruturada cronologicamente, esta primeira parte da obra subdivide a vida de Charles Maurras em diferentes etapas, que, na opinião de Goyet, correspondem a períodos claramente distintos do desenvolvimento político e literário do autor: *La polemique au coeur des images maurrassiennes; les grandes ruptures des années vingt; Maurras en Amérique; les étapes de l'enfermement politique; un fasciste à la française; le canon maurrassien; l'échec de la «discursivité maurrassienne»; la question du fascisme de Maurras; un Maurras tronqué*. Estes «instantâneos» da vida de Maurras converteram-se nos «ícones» tão

amados pelos académicos, pelo que é do seu interior que Goyet se dispõe a analisar as condições para o desenvolvimento do pensamento político e da produção literária de Maurras. Maurras, sustenta Goyet, terá sido condenado pela esquerda antifascista dos anos 30 não tanto pelas suas acções políticas como pela sua produção literária. Goyet faz ainda notar que a condenação papal de que foi alvo em 1926 era dirigida contra os seus escritos, e não contra a sua actividade política.

Numa interessante análise do fascismo de Maurras, Goyet passa então a examinar pormenorizadamente o «período de expansão» da investigação maurrasiana — o final dos anos 50 e inícios dos anos 60. Trata-se de um período que culminaria na publicação de dois importantes estudos americanos sobre o pensamento e actividade políticos de Maurras: o primeiro da autoria de Eugen Weber (*Action française: royalism and reaction in 20th century France*, 1962); o segundo assinado por Edward Tannenbaum (*The Action Française: Die-Hard Reactionaries in 20th Century France*, 1962). O primeiro contestava directamente a perspectiva então corrente de que Maurras pouco mais fora do que um fascista, dado o seu activo apoio ao regime de Vichy e o seu anti-semitismo. Tendo sido traduzida para francês em meados dos anos 60, a obra de Weber constituiu a centelha que reacendeu o interesse por Maurras e pelo maurrasianismo entre os estudiosos france-

ses. Contudo, uma vez devidamente situados no contexto histórico e social (tanto dos Estados Unidos como da França), estes livros e o furor que provocaram na época podem ser entendidos como um produto do macartismo e da guerra fria e como um apoio ao conceito de totalitarismo tal como estava a ser desenvolvido e promovido nos Estados Unidos da época. Em França estas interpretações de Maurras contribuiriam (tal como é sugerido pelos títulos dos livros) para a persistência da articulação assimétrica entre Maurras, o homem, e o movimento da *Action française* — ou seja, definindo Maurras em termos puramente políticos e subordinando a esta faceta «tous les autres aspects de sa vie, littérature et philosophie, poésie et doctrine politique» [p. 118]. O renascimento do interesse por Maurras trouxe consigo toda uma bagagem ideológica e a reconstrução de um velho ícone. A ideia de que Maurras poderia, de facto, não ter sido um fascista nada fez para reanimar o debate, pelo que a academia francesa não foi sacudida do seu torpor, parecendo contentar-se em reproduzir a velha iconografia por razões ideológicas associadas à condição da sociedade francesa nos anos que se seguiram à queda da IV República e à guerra da Argélia, ao invés de levar a efeito uma reavaliação séria do assunto nos seus próprios termos.

Enquanto na primeira parte da obra Goyet se dedica a uma análise contextual crítica das interpretações

a que foram sujeitas as diversas etapas da vida de Maurras, na segunda parte procura já desenvolver a sua própria tese, baseada na ideia de que Charles Maurras só poderá ser inteiramente compreendido se começarmos por aceitar a ideia de que era uma personalidade complexa, e não a caricatura política que herdámos.

Propõe-se fazê-lo através de uma (re)avaliação exaustiva da bibliografia de Maurras — reconhecendo as suas obras literárias, poéticas e filosóficas e atribuindo-lhes o mesmo valor que tem sido até à data atribuído à sua obra de polemista. Ao fazê-lo, Goyet produz um notável esboço da obra de Maurras na sua evolução natural e contexto histórico — um esboço onde se demonstra cabalmente o modo como Maurras procurou receber reconhecimento não apenas para as suas realizações no domínio político e onde se mostra que uns impressionantes 68% das suas publicações são de cariz literário, contra os apenas 32% de cariz político (p. 277).

Incontestavelmente, aquilo que Bruno Goyet procura realizar neste volume não é outra coisa senão uma válida e mesmo há muito devida reavaliação da historiografia bibliográfica de Charles Maurras, demonstrando que a «velha dicotomia» — a persistente aceitação da distinção entre Maurras, o político, e Maurras, o escritor — constitui um obstáculo supérfluo que efectivamente nos impede de alcançar um melhor entendimento de Maurras, o homem — o homem total e complexo. Sejam quais forem as razões por detrás da

persistência desta distinção, ou «caricatura», aquilo que se depreende da tese de Goyet é que foi essa mesma distinção que levou à construção, reconstrução e reforço de uma metodologia crítica que se mostrou mais interessada em transformar verdades subjectivas em verdades objectivas — em reescrever, efectivamente, a história e em obstruir o desenvolvimento de um método analítico que permitiria uma análise mais completa de Maurras, uma análise não circunscrita à *Action française*.

O objectivo de Goyet não é o de reabilitar Maurras — não se trata de uma hagiografia, propondo a sua ascensão ao panteão da literatura e filosofia francesas, nem de uma justificação do seu nacionalismo anti-semita. A simpatia de Goyet pelo seu objecto de estudo é notória, mas, não obstante o título, o seu tema não é tanto Charles Maurras como uma crítica ao desenvolvimento e aceitação de uma subjectividade ideologicamente comprometida. No que toca ao primeiro tema, este livro constitui um valioso contributo para a bibliografia passiva de Charles Maurras, uma vez que o retrata de uma forma que não tinha sido ainda tentada e que era há muito devida. Mas é no que respeita ao segundo tema, contudo, que esta obra revela o seu verdadeiro mérito, servindo como uma oportuna advertência contra os riscos da complacência académica e da aceitação acrítica de noções estabelecidas.

STEWART LLOYD-JONES